
Environmental Refugees and Climate Justice: A Case Study in Angra dos Reis, Rio de Janeiro

Refugiados Ambientais e Justiça Climática: Um Estudo de Caso em Angra dos Reis, Rio de Janeiro

Received: 15-06-2024 | Accepted: 19-07-2024 | Published: 23-07-2024

Vânia Lúcia de Pádua

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3095-4027>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Zona Oeste, Brasil

E-mail: vaniadepadua@gmail.com

Monique Conceição dos Santos Guariento

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5994-5975>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Zona Oeste, Brasil

E-mail: moniqueguariento@hotmail.com

ABSTRACT

The article addresses the growing phenomenon of forced migration due to environmental issues, a global concern, highlighting the inadequacy of legal provisions for environmental refugees. Through a case study conducted in the municipality of Angra dos Reis, Rio de Janeiro, following a severe flood, the study employs a qualitative methodology with unstructured interviews to capture the depth of their experiences and perceptions. The interviews aim to understand how natural disasters, exacerbated by human practices, affect the lives of these communities. The results highlight a vicious cycle of environmental degradation and social vulnerability, where human actions such as deforestation and inadequate waste management increase the frequency and severity of natural disasters, causing forced displacement and economic vulnerability. The discussion emphasizes the need for effective public policies and greater awareness of the interconnection between ecosystem health, environmental displacement, social inequality, and the inadequate management of natural resources.

Keywords: Environmental Disasters; Climate Change; Environmental Education; Environmental displaced persons

RESUMO

O artigo aborda o fenômeno crescente da migração forçada devido a questões ambientais, uma preocupação mundial, destacando a insuficiência das providências legais para os refugiados ambientais. Através de um estudo de caso realizado no município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, após uma inundação severa, o estudo emprega uma metodologia qualitativa, com entrevistas não estruturadas visando captar a profundidade de suas experiências e percepções. As entrevistas visam entender como desastres naturais, exacerbados por práticas humanas, afetam a vida dessas comunidades. Os resultados destacam um ciclo vicioso de degradação ambiental e vulnerabilidade social, onde ações humanas como o desmatamento e a gestão inadequada de resíduos aumentam a frequência e severidade dos desastres naturais, causando deslocamento forçado e vulnerabilidade econômica. A discussão enfatiza a necessidade de políticas públicas eficazes e de uma maior conscientização sobre a interligação entre a saúde de ecossistemas, deslocamento ambiental, desigualdade social e a gestão inadequada dos recursos naturais.

Palavras-chave: Desastres Ambientais; Mudanças Climáticas; Educação Ambiental; Deslocados Ambientais.

INTRODUÇÃO

A Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, em vigor desde abril de 1954 (ACNUR, 1996), foi adotada para resolver a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial. Até o presente, esse tratado global continua sendo a base fundamental da proteção a refugiados, definindo quem vem a ser um refugiado, esclarecendo seus direitos, deveres e algumas das condições de acolhimento. No Brasil, somente em julho de 1997 foi promulgada a Lei N° 9.474, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 no país (Brasil, 1997). Infelizmente, nos dias de hoje, os conflitos foram diversificados de tal modo que muitos podem ser também consideradas equivalentes às guerras contra pobres e contra a natureza. As crises que assolam o nosso planeta possuem enorme injustiça no seu cerne, conforme destacado pelo secretário geral da ONU António Guterres:

Our war on nature is a war on the human rights of some of the most vulnerable people in the world: Indigenous People; rural communities; the marginalized and dispossessed. The crises assaulting our planet – climate change, biodiversity loss and pollution – all have a massive injustice at their core (Nações Unidas, 2024).

Dados genéticos, arqueológicos e linguísticos evidenciam que, desde sempre, populações humanas migram em busca de melhores condições de vida (Çelekli et al., 2023). No entanto, corroborando com o secretário geral Antonio Guterres, observa-se atualmente um número recorde de migrações humanas, fugindo de uma ampla variedade de conflitos com o objetivo de preservar suas vidas ou assegurar uma qualidade de vida básica. Esses deslocamentos podem envolver interações complexas de fatores sociais, geofísicos, políticos e econômicos. A questão é ampliada pelo fato de não raramente os migrantes são recebidos com alguma hostilidade e intolerância quando conseguem chegar aos seus destinos (De Almeida, 2024).

Claro (2016) Acnur (2020) observam um aumento significativo em todo o mundo no número de migrações forçadas, dentro de seus próprios países ou para outras nações, motivadas por problemas ambientais. O impacto das mudanças climáticas altera drasticamente o meio ambiente, podendo ocorrer de forma rápida ou lenta, e ser causado por fatores naturais ou antropogênicos. Segundo Piovesan (2019), existe um consenso na comunidade científica de que as mudanças climáticas são amplamente atribuídas à

atividade humana. Decisões imprudentes, cada vez mais comuns, têm causado problemas ambientais e exacerbado as consequências das mudanças climáticas, gerando um ciclo vicioso de degradação e desafios crescentes. Além disso, a vida contemporânea aliada à gestão inadequada de recursos naturais, o excesso de consumo, refletido no uso de energia, transporte e produção de resíduos industriais e residenciais além da urbanização não sustentável e o crescimento urbano sem planejamento, vinculam-se diretamente ao aumento nas emissões dos gases de efeito estufa e conseqüentemente ao aquecimento global e mudanças climáticas (Fakana, 2020). Segundo o Relatório da Agência Meteorológica das Nações Unidas, os efeitos são devastadores, incluindo o aumento de temperaturas, tempestades mais severas, desertificação, perda de biodiversidade, insegurança alimentar, aumento do nível do mar, recuo de geleiras e impactos severos na saúde pública (OMM, 2023).

No cenário contemporâneo a situação já é alarmante, e se agrava ainda mais à medida que a pobreza e os deslocamentos forçados são exacerbados, com milhões de pessoas sendo compelidas a deixar suas casas devido a eventos climáticos extremos, tornando-as mais vulneráveis, ao mesmo tempo que aqueles que já se encontram em situações de vulnerabilidade são impactados de forma mais severa e profunda. Um ciclo vicioso que evidencia a premência de uma conscientização expandida acerca da relevância e da urgência desse problema humanitário.

Andrew Harper, Conselheiro Especial do ACNUR para Ação Climática, destaca a necessidade de ações mais incisivas e afirma que a mudança climática é a crise de nosso tempo, impactando também os refugiados. Pesquisas com baixa expectativa apontam que os desastres relacionados ao clima têm o potencial de aumentar para mais de 200 milhões o número de pessoas necessitando de assistência humanitária a cada ano até 2050, caso não ocorra uma abordagem climática integrada e ambiciosa que reduza os perigos ligados a tragédias ambientais (ACNUR, 2020). Apesar da expectativa de crescimento do número de refugiados por questões relacionadas ao meio ambiente em todo o mundo, não existem provisões legais para essas pessoas.

A partir deste momento, o termo "refugiado ambiental" passará a ser adotado neste trabalho. Cunhado por Lester Brown, do World Watch Institute, na década de 1970, o termo só ganhou popularidade vários anos depois, com os trabalhos de Essam El-Hinnawi (1985) e Jodi Jacobson (1988). Ambos definiram o termo como pessoas obrigadas a deixar suas residências devido a mudanças ambientais, naturais ou provocadas pelo homem, buscando refúgio em outras regiões (Ramos et al., 2011). No entanto, ainda hoje

a identificação de refugiado ambiental pode ser confusa e a sua categorização legal não abrange muitas situações. Essa dificuldade pode ser compreendida ao considerar que a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados foi formalmente adotada para resolver a situação dos refugiados na Europa após a Segunda Guerra Mundial, em 1951 (ACNUR, 1996). No Brasil, a Lei de Refúgio n° 9.474/1997 define os mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951. Até o presente, este tratado global continua sendo a base fundamental da proteção a refugiados, definindo quem é considerado refugiado, esclarecendo seus direitos, deveres e algumas das condições de acolhimento, possibilitando que milhões de pessoas deslocadas recomecem suas vidas. No entanto, existe uma séria lacuna nestas legislações devido à ausência de regulamentação específica para os refugiados ambientais (Amorim e Barros, 2017).

Um conceito bem-construído de refugiado ambiental é o cunhado pela jurista brasileira Carolina de Abreu Batista Claro:

Refugiados ambientais são refugiados não convencionais e são migrantes forçados, interna ou internacionalmente, temporária ou permanentemente, em situação de vulnerabilidade e que se veem obrigados a deixar sua morada habitual por motivos ambientais de início lento ou de início rápido, causados por motivos naturais, antropogênicos ou pela combinação de ambos (Claro, 2018 p 78).

Este conceito articulado por Claro (2018), serve como um importante marco teórico, permitindo uma compreensão abrangente das diversas causas que impulsionam a migração forçada por motivos ambientais. O tema demanda estudos que incluam entendimento da complexa interação entre fatores naturais e os antropogênicos e destaca a importância de ações capazes de promover uma consciência ambiental mais profunda e de incentivar práticas de sustentabilidade e resiliência, ressaltando igualmente a necessidade de uma gestão de recursos ambientais mais eficazes. No entanto, a ausência de uma definição precisa nas legislações, como no caso dos refugiados ambientais, equivale à falta de reconhecimento oficial e resulta em sérias implicações para a governança relacionada a esse fenômeno (McAdam, 2012).

Este estudo aborda um caso específico da realidade dos refugiados ambientais, com ênfase em uma comunidade afetada por inundação ocorrida em Angra dos Reis, no litoral sul do estado do Rio de Janeiro. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar a visibilidade dessa questão, fomentando a formulação de políticas públicas pertinentes e promovendo a conscientização sobre a interligação entre deslocamento ambiental, desigualdade social e as causas humanas dos desastres ambientais.

METODOLOGIA

O presente trabalho é baseado em um estudo de caso com um grupo de refugiados ambientais decorrentes de calamitosas chuvas, com índice pluviométrico de cerca de 250 mm em 24 horas, iniciadas no dia 08 de dezembro de 2023, causando uma inundação histórica na região (Prefeitura de Angra dos Reis, 2023).

A comunidade acometida pela enchente, inclui o Quilombo Santa Rita do Bracuí, além de outras localidades do bairro Parque Belém (Cunhambebe). Quatro pessoas foram entrevistadas, no dia 10 de dezembro de 2023, na Escola Municipal Prefeito José Luiz Ribeiro Reseck que serviu de abrigo, localizada no mesmo município. A entrevista com os angrenses desabrigados foi autorizada pela assistente social e demais funcionários responsáveis e apenas aqueles que se disponibilizaram a falar voluntariamente, e, ainda assim, suas identidades foram protegidas. As transcrições foram feitas com o auxílio de dispositivo móvel utilizando o Google Keep, um serviço de anotações disponível em versão para web e aplicativos para Android e iOS, permitindo a gravação de mensagens de voz e transcrição instantânea.

O estudo encontra-se em conformidade com Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde, de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.

Com o objetivo de compreender a realidade dos acontecimentos, foi solicitado que os entrevistados relatassem o cenário do local no início das chuvas e durante seu resgate ou acolhimento. Diante do cenário, foi adotada uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa, com entrevistas não estruturadas, permitindo maior flexibilidade e adequação às necessidades emocionais dos entrevistados, com foco na coleta de narrativas pessoais profundas sobre as experiências dos entrevistados.

A metodologia adotada permite entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem, considerando fatores sociais e culturais, entre outros; concentrando-se na compreensão de fenômenos e experiências específicas. A análise dos dados coletados envolveu a identificação de temas e padrões nas narrativas, ajudando a compreensão das experiências, percepções e impactos dos eventos vivenciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca por uma melhor qualidade de vida tem sido uma constante na sociedade ao longo dos tempos. No entanto, esse progresso está frequentemente associado a um alto custo, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, grandes investimentos financeiros e práticas éticas questionáveis. Esse cenário acaba por reduzir a responsabilidade coletiva, essencial para o desenvolvimento de uma sociedade justa e equitativa. Comportamentos abusivos com o meio ambiente, o aumento da emissão de gases de efeito estufa e o desenvolvimento sem planejamento de cidades e agronegócios, resultam em mudanças no clima do planeta, e conseqüentemente, em desastres naturais agravados pela má gestão humana, que se tornaram mais frequentes e severos.

As crises climáticas intensificam os riscos existentes à biodiversidade, saúde humana, ecossistemas e meios de subsistência, por exemplo, com temperaturas extremas, alterando ciclos hidrológicos e causando secas ou inundações severas em algumas regiões (Fakana, 2020). Os danos observados nem se limitam à área geográfica da atividade perigosa, evidenciando a interconexão dos desafios enfrentados pela sociedade globalizada, nesse contexto. Deslocamentos forçados são um testemunho angustiante da violência estrutural inerente aos sistemas econômicos baseados na exploração, resultando em uma série de efeitos, incluindo o desemprego, a queda na qualidade de vida, e o aprofundamento das desigualdades sociais, especialmente onde já existe maior vulnerabilidade (Silva, 2023) Como resultado, a população mais vulnerável sofre consideravelmente, forçando a busca de refúgio de muitos indivíduos em outros locais.

Assim como no resto do mundo, o Brasil tem enfrentado nos últimos anos uma série de desastres ambientais que têm resultado em refugiados ambientais. Alguns dos eventos são reiterados, com um longo histórico. Ainda assim, não existem sérios comprometimentos pela maior parte das autoridades, visando prevenção. Dentre esses eventos, destacam-se situações como o rompimento da barragem de Sobradinho em 2015, que represou as águas do Rio São Francisco, no sertão da Bahia, obrigando cerca de 70 mil pessoas a se deslocarem (D'Urso, 2019). Outro caso emblemático é o desastre de Mariana em Minas Gerais, também em 2015, quando o rompimento da barragem do Fundão da Samarco Mineração S.A causou devastação ambiental e social (Andrade, 2018). O Brasil também foi palco do desastre em Brumadinho, Belo Horizonte, quando o rompimento de uma barragem da empresa Vale do Rio Doce, em 2019, resultou em uma onda de lama e uma tragédia que matou 272 pessoas, forçando ainda a migração de

muitos (Pereira et.al, 2019). A cidade de Petrópolis, em fevereiro de 2022, testemunhou o maior desastre ambiental de sua história, com deslizamentos e enchentes que resultaram na morte de 233 pessoas e deixaram 685 desabrigados (Puente, 2022). Já em Maceió, Alagoas, em 2023, a exploração irresponsável da sal-gema pela empresa Braskem levou ao afundamento de bairros inteiros, forçando 60 mil pessoas a deixarem suas casas, em um processo que evidencia a violação de direitos fundamentais (Mapa de Conflitos, 2023). Estes eventos ilustram bem a interseção entre desenvolvimento e impacto ambiental, onde as comunidades locais são as mais afetadas. As dramáticas consequências reforçam a necessidade de uma gestão ambiental responsável e de medidas preventivas eficazes para evitar tragédias semelhantes no futuro.

Já no final de 2023, ocorreu uma grande inundação em Angra dos Reis, causada por intensas chuvas e maré alta. O local afetado está inserido em área de preservação ambiental da Mata Atlântica e possui pontos turísticos, como praias e cachoeiras, mas naquela ocasião, o cenário era trágico e centenas de indivíduos perderam suas moradas e meios de sustento (Mathias, Lucas; Lorencetti, 2023).

Na região sul do Brasil, as mudanças climáticas têm manifestado efeitos significativos no regime de chuvas e na frequência de eventos extremos, exacerbando processos de erosão e degradação do solo (Sanchez et al., 2019). Recentemente, em 2024, uma tragédia no Estado do Rio Grande do Sul, causada por intensas chuvas, resultou em enchentes devastadoras que afetaram mais de 400 dos seus 497 municípios. As notícias evidenciaram a inadequação da infraestrutura para lidar com eventos climáticos extremos. Oliveira et al. (2024) usaram técnicas de mineração de texto publicados nos portais de notícias brasileiros sobre as enchentes no Rio Grande do Sul e revelaram que destaque foi dado às chuvas como causa primária e uma negligência conferida aos fatores socioeconômicos e de infraestrutura, como saneamento básico inadequado e gestão de resíduos. As palavras “Tragédia” e “Afetadas” reforçam a gravidade das situações e o profundo impacto nas comunidades locais. A centralidade do termo “Pessoas”, ligado a “milhões”, “tragédia”, e “morreram”, destaca o impacto humano das enchentes, evidenciando tanto o vasto número de afetados quanto as fatalidades decorrentes.

A narrativa desses eventos não pode ser reduzida apenas a números e estatísticas; por trás de cada figura há uma história de sofrimento, perdas e luta pela sobrevivência. Indivíduos em situação de refúgio devido à inundação ocorrida em 2024 em Angra dos Reis foram entrevistados, e todos se encontravam em grave situação de vulnerabilidade. A região abriga uma comunidade quilombola, além de uma das maiores comunidades

indígenas do estado do Rio de Janeiro, a Aldeia Guarani Sapukai, e outras pequenas comunidades tradicionais formadas por produtores rurais e pescadores. Além disso, a região possui uma rica biodiversidade, que também é ameaçada por desastres ambientais.

A comunidade de Bracuí destaca-se por seus pontos turísticos, que servem tanto como atrativos de lazer quanto como fontes de sustento para os habitantes locais. Na noite do dia 8 de dezembro, uma intensa precipitação pluviométrica, desencadeou o aumento do nível do Rio Bracuí, resultando em uma inundação de proporções significativas e causando o grave desastre ambiental. Dada a significativa perturbação emocional enfrentada pelos desabrigados, realizou-se três entrevistas com um total de quatro indivíduos, os quais relataram espontaneamente os eventos ocorridos. As entrevistas completas estão presentes no documento anexo.

Na primeira entrevista, o impacto do desastre é evidenciado pelas descrições vívidas no início inesperado do alagamento observada por dois refugiados ambientais. A subestimação inicial do desastre está intrinsecamente ligada ao choque e ao trauma subsequente causados pela rápida escalada do evento ambiental, refletindo a falta de conscientização sobre riscos ambientais.

É porque começou a chover, né amor? Só que nem sabia pô, que ia alagar daquele jeito. A chuva estava fraca, muito fraca, só que um pouco de água tava entrando, né amor só que nunca encheu daquele jeito. Aí eu falei: “DFA1 ...vida, está enchendo... está enchendo. Já subiu 2 dedos, mas nunca daquele jeito. (Entrevistado DFA2).

A descrição da elevação improvisada de objetos, como geladeiras, perda de bens e documentos, além da preocupação em salvar seus animais de estimação, evidencia um esforço desesperado para salvar o que era possível.

Aí, a primeira coisa que a gente fez foi botar a geladeira ali em cima do sofá, pra gente não ia subir até o sofá né. Aí botamos a cadeira, minha filha, botamos cachorro, botamos 3 cadeiras, 3 cachorros assim na cadeira, e essas 2 ficaram na cama, meu gatinho na cama, esse freezerzinho que você viu na foto botei em cima da geladeira, da cadeira também. Só que a água foi subindo... (Entrevistado DFA2).

O deslocamento forçado e a descrição que fizeram de suas condições de vida temporárias, evidenciaram a falta de recursos básicos, além de refletirem as respostas imediatas das instituições públicas e da comunidade. Apesar do forte senso de comunidade - um fator crucial de resiliência -, as emoções afloradas enquanto relembavam as perdas e o impacto visual do desastre indicam um trauma profundo. Os

entrevistados refletiram sobre a contribuição humana para a vulnerabilidade ambiental e mostraram ter dúvidas sobre a gestão durante e após o desastre e sobre possível causa; se a inundação foi causada apenas pela chuva ou por possível evento relacionado a uma barragem, sugerindo questionamentos sobre a gestão dos recursos naturais, conforme este depoimento:

... Então acho que as pessoas devia cuidar mais e muito mais lá da onde mora, da onde está, cuidar e parar com esse negócio de ficar destruindo o ar, porque a natureza está tomando conta do que é dela. ... E agora a natureza está tomando conta do lugar dela. E o que acontece? Nós fica sem casa, fica sofrendo por essas coisas, porque nós não quer cuidar de onde nós vive né, nós só quer receber. (Entrevistado DFA2).

Os entrevistados também se referiram à responsabilidade ambiental, ao refletirem sobre o papel da comunidade na manutenção do ambiente, criticarem o descarte inadequado de lixo e apontarem para a conscientização sobre questões ambientais. Potočnik e Teixeira (2021) abordaram sobre o papel fundamental da gestão de recursos naturais apresentando quatro princípios cruciais para restaurar a natureza, por meio da gestão de recursos naturais: 1) Conhecimento sobre o real impacto ambiental ao longo da cadeia de valor causados pela produção e pelo consumo; 2) Planejamento integrado, requisitando comprometimento das lideranças com mapeamentos de pontos críticos de biodiversidade, uso da terra e potenciais para captura de carbono; 3) Crescimento com a natureza, que representa uma produção mais sustentável, através de soluções de economia circular e 4) Valorização da natureza, através da valorização de serviços ecossistêmicos. São ações que reforçam a necessidade de ampliação da conscientização ambiental e que contribuem para gerar um mundo natural resiliente, algo fundamental para o gerenciamento das mudanças climáticas (Potočnik e Teixeira, 2021).

O refugiado da segunda entrevistado fala sobre a perda total de seus bens e a dependência de doações para atender às necessidades básicas, destacando a vulnerabilidade econômica, ampliada na discussão sobre a fonte de renda limitada (Bolsa Família), a necessidade de reconstruir a vida aos poucos. A falha para lidar com o volume de água aponta para deficiências infraestruturais que podem ter agravado o desastre. Por outro lado, a menção ao deslocamento para o abrigo e o transporte fornecido pela prefeitura, indicaram resposta institucional à situação de emergência. Também há questionamentos sobre as possíveis causas do desastre, com referências a rumores de uma barragem estourando e problemas com o sistema de saneamento.

O deslocamento forçado afetou toda a unidade familiar, incluindo crianças, aumentando as preocupações sobre o bem-estar e a recuperação a longo prazo, conforme percebido pelo comentário de uma das pessoas entrevistadas: “Tem água nas coisas lá, recurso para nós limpar as coisas, não tem. ... eu só tenho um bolsa família.” (Entrevistado DF3).

A terceira entrevista, com o último refugiado ambiental fornece mais detalhes sobre a experiência pessoal e as percepções em relação ao desastre ambiental, enfatizando temas comuns e novas nuances relacionadas à causa, impacto e recuperação. O relato sobre o começo do alagamento foi atribuído a um possível rompimento de barragem e agravado pela proximidade com o valão, resultando em rápida subida da água. O refugiado também descreve perdas materiais significativas além de evidenciar falta de preparo para seu atendimento, na situação emergencial, destacando a necessidade de ação autônoma diante do desastre. O cenário surgido após as descrições das experiências ilustra a jornada árdua das vítimas, desde a fuga, sem assistência imediata, até a busca por normalidade em condições precárias, como percebido neste comentário abaixo:

A única coisa que eu consegui tirar foi as crianças e documentos, e com isso eu perdi tudo, a geladeira, guarda-roupa, documento, eletrodoméstico, tudo, tudo... Aí agora meu esposo foi lá ver como tá a situação, tá lama, o motor da geladeira tá queimado, tudo queimado, tentou ligar lá pra ver, a tomada cheia de água. Está escorrendo água ainda. A gente vai começar tudo do zero, tudo de novo. Foi terrível. Foi triste. (Entrevistado DFA4).

A entrevista também discutiu sobre o papel das ações humanas, como desmatamento e manejo inadequado de resíduos; uma reflexão sobre como os fatores estruturais e individuais podem se combinar e aumentar o risco de desastres, evidenciado por este depoimento:

Ah... é o homem né, o desmatamento, faz o que quer, os pequenos que sofrem, né? Porque, tipo assim, os grandes têm o poder de ajudar, mas também os pequenos também não fazem a sua parte, como eu posso dizer, lixo na rua, no esgoto. (Entrevistado DFA4).

As narrativas compartilhadas formam um cenário visceral com perdas materiais e emocionais, que convidam a uma reflexão sobre a profunda relação entre o bem-estar humano e o meio ambiente. Não há bem-estar nem desenvolvimento ou recuperação da economia, se não há preservação do meio ambiente, pois a natureza da economia está baseada na extração, produção e consumo (Oliveira, 2022). Nesta mesma fonte, o

economista Marcus Eduardo de Oliveira afirma que: “... ao colocar a crise climática – a maior crise de toda a nossa história – na primeira linha do debate sobre questões globais, o que de fato está em jogo é a saúde planetária...” (Oliveira, 2022, p 89). Saúde planetária é um conceito interdisciplinar que reconhece a interdependência entre a saúde humana e a saúde dos sistemas naturais do planeta. Nesta abordagem o bem-estar humano está inextricavelmente ligado à saúde dos ecossistemas, à biodiversidade, e ao ambiente natural em geral, pois a degradação ambiental, a poluição, a urbanização mal planejada e as mudanças climáticas podem ter impactos significativos na saúde e na dignidade humana.

As narrativas das entrevistas abordam possíveis causas antrópicas dos desastres ambientais. Há consciência sobre essa problemática, talvez pela grande inserção do bairro na natureza e até mesmo pela dependência desta, em seus meios de subsistência, no caso de alguns. É impossível ignorar o eco de vulnerabilidade que permeia estas histórias, evidenciando a urgência de ações coletivas mais conscientes e responsáveis. A perda de um lar de forma abrupta é equivalente a um rompimento de um alicerce fundamental, que pode ecoar por gerações. Os entrevistados evocam uma chamada crítica à ação, com base em estratégias mais robustas na preparação e resposta a desastres, integrando a resiliência comunitária e promovendo a sustentabilidade ambiental. A tarefa é árdua, mas necessária, demandando mobilização comunitária e uma gestão ambiental consciente na construção de um futuro mais sustentável, além de ajuste das condições jurídicas, direitos e deveres dos refugiados ambientais, temporários ou não. São situações reiteradas provocadas por desastres ambientais, muito provavelmente ampliadas por ações antrópicas irresponsáveis – não exatamente das pessoas locais -, que afetam o aquecimento global e a crise climática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os refugiados ambientais representam uma das várias faces das mudanças climáticas e dos desastres naturais exacerbados pela ação humana. A análise revelou a profundidade e a urgência do problema e contribui para ampliar o entendimento dessa problemática, evidenciando a intersecção entre vulnerabilidade ambiental, social e educacional.

É cada vez mais evidente que as políticas públicas focadas na sustentabilidade e na justiça social são indispensáveis para mitigar os impactos desses desafios globais, em

direção a mais equidade e saúde planetária. Este artigo reafirma a necessidade urgente de ações coordenadas relacionadas às temáticas em torno das mudanças climáticas e da proteção aos mais vulneráveis, garantindo um futuro mais sustentável para todos.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho e às instituições de ensino e pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, especialmente à UERJ e à FAPERJ.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. *A mudança climática e a crise de nosso tempo e impacta também os refugiados*. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/12/10/a-mudanca-climatica-e-a-crise-de-nosso-tempo-e-impacta-tambem-os-refugiados/>.
- AMORIM, F. S. T.; BARROS, H. M. E. *Dignidade Humana, Segurança Nacional e os Refugiados Ambientais na Lei 9.474/1997*. Revista Veredas do Direito, Belo Horizonte, v. 14, n. 28, p. 93-126, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/914>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- ANDRADE, Teresa Cristina Guerra de. *Impactos socioambientais decorrentes do rompimento da barragem do fundão no município de Barra Longa, Minas Gerais*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMDB9KGLU/1/teresa_andrade__mestrado__vers_o_final_.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.
- BRASIL. *Lei N° 9.474, de 22 de julho de 1997*. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm. Acesso em: 3 out. 2023.
- ÇELEKLI, A.; YAYGIR, S.; ZARIÇ, Ö. E. *A review of climate change induced migration*. Acta Biologica Turcica, 36(2), A3:1-11, 2023. Disponível em <https://actabiologicturcica.com/index.php/abt/article/view/993/1052>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- CLARO, Carolina de Abreu Batista. *O conceito de “Refugiado Ambiental”*. In: JUBILUT, Liliana Lyra; RAMOS, Érika Pires; CLARO, Carolina de Abreu Batista; CAVEDON-CAPDEVILLE, Fernanda de Salles (Orgs.). “Refugiados Ambientais”. Boa Vista: Editora da UFRR, 2018. p. 69-100.
- CLARO, Carolina de Abreu Batista. *A proteção dos “refugiados ambientais” no direito internacional*. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/6RvcMPkjMrpF4Hn7ttNdJkS/?format=html>. Acesso em: 27 fev. 2024.
- CLIMA, THER and W. TE. *"State of Global Water Resources 2022"*, 2023. Disponível em <https://www.silvarium.cz/sklad/voda.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução n° 510 de 07 de abril de 2016*. Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Ministério da Saúde, 24

- maio 2016. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resolucao_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf. Acesso em: 03 mar. 2014.
- D'URSO, Luiz Eduardo Filizzola. *Refugiados Ambientais: um desafio humanitário*. Migalhas de Peso, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/306963/refugiados-ambientais--um-desafio-humanitario>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- DE ALMEIDA, W. D.; FREITAS, I. C. dos S. de J. *Refúgio ambiental no Brasil: desafios jurídicos e sociais na proteção de direitos humanos no contexto latino-americano*. Observatório de La Economia Latino Americana, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 1334–1358, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2806>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- FAKANA, Selemon Thomas. *Causes of climate change*. Global Journal of Science Frontier Research, v. 20, p. 7-12, 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Selemon-Fakana/publication/342452772_Causes_of_Climate_Change_Review_Article/links/5ef4ff3092851c52d6fdb650/Causes-of-Climate-Change-Review-Article.pdf. Acesso em: 04 fev 2024.
- MAPA DE CONFLITOS. *Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil*. Núcleo Ecologias, Epistemologias e Promoção Emancipatória da Saúde (Neepe) - Fiocruz, 2023. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/conflito-de-extrema-complexidade-entre-populacao-de-maceio-e-mina-de-sal-gema-da-braskem-envolve-danos-irreparaveis/>. Acesso em: 21 mar. 2024.
- MATHIAS, Lucas; LORENCETTI, Carol, g1 Rio. *Inundação deixa pessoas desabrigadas em Angra dos Reis*. G1 - Sul do Rio e Costa Verde, 09 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2023/12/09/inundacao-deixa-pessoas-desabrigadas-em-angra-dos-reis.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- MCADAM, Jane. *Climate Change, Forced Migration, and International Law*. Oxford, 2012; online edn, Oxford Academic, 24 May 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199587087.001.0001>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. Sustentabilidade e crescimento: dilemas, desafios e perspectivas em tempos de emergência climática e de crise de civilização. In: PAULA, Luiz et al. *Inovações recentes no setor bancário brasileiro e seus efeitos sobre competição bancária e estabilidade financeira*. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luiz-Paula-2/publication/363430171_Inovacoes_recentes_no_setor_bancario_brasileiro_e_seus_efeitos_sobre_competicao_bancaria_e_estabilidade_financeira/links/631bf9a3873eca0c0076b3d7/Inovacoes-recentes-no-setor-bancario-brasileiro-e-seus-efeitos-sobre-competicao-bancaria-e-estabilidade-financeira.pdf#page=82. Acesso em: 21 jun. 2024.
- OLIVEIRA, F. M.; HOLANDA, T. C.; RAMALHO, A. L. de O. S.; KLOECKNER, N. V. da R.; MOURA, I. E. M. O. de; RICARTE, T. L.; RIBEIRO, K. V. Chuvas, Tragédias e Cobertura da Mídia: Análise das Enchentes no Rio Grande do Sul. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, v. 18, n. 4, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v18n4-114>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- PEREIRA, Luís Flávio; DE BARROS CRUZ, Gabriela; GUIMARÃES, Ricardo Morato Fiúza. *Impactos do rompimento da barragem de rejeitos de Brumadinho, Brasil: uma*

análise baseada nas mudanças de cobertura da terra. Journal of Environmental Analysis and Progress, p. 122-129, 2019.

PIOVESAN, Flávia. *Direitos humanos e justiça internacional: um estudo comparativo dos sistemas regionais europeu, interamericano e africano.* 9. ed. São Paulo: Saraiva Jur, 2019. 410 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7588241/mod_resource/content/1/2019.1%20Direitos%20Humanos%20e%20Justi%C3%A7a%20Internacional%20-%202019. Acesso em: 20 fev. 2024.

POTOČNIK, Janez; TEIXEIRA, Izabella. Building biodiversity: the natural resource management approach. United Nations Environment Programme, 2022. Disponível em: https://www.resourcepanel.org/sites/default/files/documents/document/media/building_biodiversity_the_natural_resource_management_approach_1.pdf. Acesso em: 23 jun. 2024.

PREFEITURA DE ANGRA DOS REIS. *Angra confirma duas mortes em decorrência das chuvas.* Rio de Janeiro – RJ, 09 dez. 2023. Disponível em: https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?IndexSigla=imp&vid_noticia=66595. Acesso em: 27 fev. 2024.

PUENTE, Beatriz. *Tragédia em Petrópolis completa um mês e mais de 600 seguem desabrigados.* CNN Rio de Janeiro, 15 mar 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/peropolis-tragedia-completa-um-mes-e-mais-de-600-seguem-desabrigados/>. Acesso em 11 mar 2024.

RAMOS, Érika Pires. *Refugiados ambientais: em busca de reconhecimento pelo direito internacional.* São Paulo: E. P. Ramos, 2011. 150 f.; 31 cm. Tese (Doutorado) - Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/eventos/Refugiados_Ambientais.pdf. Acesso em: 17 fev. 2024.

SANCHES, F. O.; VERDUM, R.; FISCH, G.; GASS, S. L. B.; ROCHA, V. M. *Extreme Rainfall Events in the Southwest of Rio Grande do Sul (Brazil) and Its Association with the Sandization Process.* American Journal of Climate Change, v. 8, n. 4, p. 454-469, 2019.

SILVA, Saulo José de Sena. *Sem lenço, sem documento: uma análise sobre a proteção jurídica dos refugiados ambientais.* 2023. BS thesis. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/56723/3/Monografia%20-%20Saulo%20Jos%c3%a9%20de%20Sena%20Silva%20-%20UFRN.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

UNITED NATIONS. Secretary-General's remarks at the Human Rights Council [bilingual, as delivered]. 2024. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/statement/2024-02-26/secretary-generals-remarks-the-human-rights-council-bilingual-delivered-scroll-down-for-all-english>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ANEXO

Transcrição das entrevistas com vítimas de inundação no município de Angra dos Reis/RJ

Entrevista 1

Entrevistados: Deslocados Forçados Ambientais 1 e 2 (DFA1 e DFA2)

Entrevistadora Guariento: Pronto, pode me contar sua história?

Entrevistada DFA2.: É porque começou a chover, né amor? Só que nem sabia pô, que ia alagar daquele jeito. A chuva estava fraca, muito fraca, só que um pouco de água tava entrando, né amor só que nunca encheu daquele jeito. Aí eu falei: “DFA1 ...vida, está enchendo... está enchendo. Aí DFA1 ... não quero saber ... não quero saber”.

Entrevistada DFA1: É porque nunca encheu desse jeito, sempre foi normal de subir até 2 dedos assim.

Entrevistada DFA2.: Já subiu 2 dedos, mas nunca daquele jeito. Aí, a primeira coisa que a gente fez foi botar a geladeira ali em cima do sofá, pra gente não ia subir até o sofá né. Aí botamos a cadeira, minha filha, botamos cachorro, botamos 3 cadeiras, 3 cachorros assim na cadeira, e essas 2 ficaram na cama, meu gatinho na cama, esse freezerzinho que você viu na foto botei em cima da geladeira, da cadeira também. Só que a água foi subindo, foi subindo, nós tirou todas as roupas de baixo do guarda-roupa. Botamos tudo pra cima. Meu documento, sobreviveu, viu? *(no momento a entrevistada mostrou sua identidade que estava no bolso da roupa)*

Entrevistadora Guariento: Conseguiu salvar os documentos?

Entrevistada DFA1: Não, só os documentos da minha mãe, a DF2., perdeu todos.

Entrevistadora Guariento: E aí agora vocês estão sem ter onde ficar? Estão sem casa, sem documento, tiveram que sair da casa de vocês, estão abrigadas aqui na Reseck?

Entrevistada DFA2.: É a gente foi o último ônibus à vim, porque nós ficou andando na chuva pra pegar a cachorra, ajudar os outros, fomos o último ônibus a chegar e até hoje nós não voltou pra ver como tá lá nas Casinhas. *(“Casinhas” é o nome popular de uma parte conhecida do bairro Bracuí).*

Entrevistadora Guariento: E que dia aconteceu isso?

Entrevistada DFA 2.: Foi na sexta, da sexta pro sábado.

Entrevistadora Guariento: Vocês estão aqui sem previsão de quando vão sair daqui, e nem sabe pra onde vocês vão?

Entrevistada DFA2.: Eu nem sei por que lá tá sem água, entendeu?

Entrevistadora Guariento: Vocês não têm casa de parentes, nenhum lugar pra ir?

Entrevistada DFA2.: Não. E aí, como a minha sogra estava passando mal, que a pressão dela é muito ruim ficou 20x10, que já é quase um infarto, né? Aí a gente pediu pra minha prima que viesse aqui buscar ela, né? Pelo menos para ela passar né nossa, nem que seja 2 horas, porque aqui é muito barulho, é muita pessoa falando junto. Não dá para você deitar, dormir a qualquer hora que você quer entendeu? A minha sogra ela não consegue ficar no meio dos outros, minha sogra ela odeia ficar sem tomar banho e ela ficou de um dia pro outro, não é amor? Aqui acordada sem conseguir dormir, sem tomar um banho, entendeu? Aí a gente pediu para ela ficar lá na casa e pelo menos almoçar, ela vai voltar, mas pelo menos pra ir almoçar, dá pra ela deitar um pouco e dormir pelo menos umas 2 horinhas, aí ela já tá voltando.

Entrevistadora Guariento: Ah entendi, aí vocês dormem nesses quartos aqui, nessas salas de aula? Mas tem cama, tem colchão?

Entrevistada DFA2.: Tem colchão, eles colocaram. Eles deram colchão para nós e para os cachorrinhos eles deram um monte de coisa.

Entrevistadora Guariento: Você está sem roupa, sem nada?

Entrevistada DFA2.: Tamo sem chinelo, descalço. A roupa que a gente tá usando é tudo ganhado, nem calcinha nós teve condição de pegar e ninguém doa calcinha, aí fica difícil o que nós mulher passa.

Entrevistadora Guariento: E vocês moravam onde?

Entrevistada DFA2.: Eu moro na frente do valão.

Entrevistada DFA1.: Na frente, uma das ruas que mais enche. Lá a água encheu mais rápido do que nas casa toda.

Entrevistada DFA2: Por que a água ela foi descendo do trailer para lá, entendeu? Então, foi acumulando água lá no nosso valão e subindo para o resto das Casinhas. Então nossas casas foi as primeiras a alagar.

Entrevistadora Guariento: E a água foi até em cima?

Entrevistada DFA2: Não, a do DF5 foi. A do DF5 subiu até em cima.

Entrevistada DFA1: Nós saímos lá de casa, já estava batendo na cintura.

Entrevistada DFA2: Não consegui nem abrir a porta do quarto para sair, porque a gente fechou a porta do quarto e a água da sala ficou imprensando a porta do quarto, a gente chegou antes, se nós não tivesse fechado a porta do quarto ia ter muito mais água. E tão falando que foi desastre natural, que não foi barragem. Quem viu água descendo daquele jeito não tem como falar que foi a chuva nega. Você já foi na morada? Logo na entrada tem um traillerzinho que também tem uma vala, cara ali a água tava tão forte,

descendo tão forte que não tem como falar que foi chuva, entendeu? Por que quando chove mais aí o bueiro entope né? Não, ali foi uma água que tava descendo sem parar.

Entrevistadora Guariento: Então vocês não acham que foi apenas chuva?

Entrevistada DFA2.: É, porque não tem como ter sido chuva, Nega. Foi muita coisa, muita água. Na entrada das Casinhas tem logo uma ruazona descendo, só que nas Casinhas é tudo beco, onde você entrar você sai em outra rua, não tem como ser beco sem saída, a água começou a descer, todas as ruas estavam debaixo d'água, não tem nem vala lá atrás. E a água não tava parando de descer, não era chuva porque até de manhazinha mesmo oito e pouca da manhã quase dez horas assim que já tinha parado de chover e a água continuou descendo.

Entrevistada DFA1: Não tem como ter sido a chuva porque nós que mora nas Casinhas há mais de dez anos, nós sabe que lá sempre choveu e nunca veio encher.

Entrevistadora Guariento: Nunca aconteceu isso?

Entrevistada DFA2: Nunca, a chuva começou era onze horas, começou a alagar, era umas onze horas, meia noite já tava tudo alagado. Como que uma chuva em menos de 2 horas vai alagar tudo? Agora, se fosse uma chuva o dia todo, uma noite toda, eu até acreditava.

Entrevistadora Guariento: Esses 2 cachorrinhos são seus? *(havia dois cachorrinhos com elas no momento da entrevista)*

Entrevistada DFA2: É... a gente conseguiu tirar eles primeiro. Eu nunca passei por isso.

Entrevistadora Guariento: E você contando assim se emociona né? *(neste momento a entrevistada fica emocionada e começa a chorar...)*

Entrevistada DFA1: É uma cena muito pesada você ver sua casa entrando água, só que é muito triste, a gente perdeu tudo que a gente demorou muito tempo pra conseguir.

Entrevistadora Guariento: E quem mora na casa de vocês?

Entrevistada DFA2.: Eu, DFA1 e a mãe dela. E a mãe dela é sozinha, muito guerreira, cuidou dos 3 filhos dela, desde pequeno, sozinha. Ela não trabalha, ela tem problema de pressão, problema de saúde, gastrite emocional. A gente faz de tudo pra deixar ela calma, pra não ter nenhum probleminha pra ela ficar martelando, porque a minha tia ela consegue emagrecer quilos só dela ficar pensando porque o emocional dela é muito frágil. E ela deitada na cama, não queria nem sair, eu falando: “tia vamos embora, a água vai subir...”

Entrevistadora Guariento: E quem tirou vocês de lá de dentro?

Entrevistada DFA2: Ninguém, a gente que saiu e a gente ainda teve que ajudar uma senhora que morava do lado da nossa casa, que ela tem uns 60 anos, ela teve AVC que ela de um lado do corpo dela, ela sente muita dormência. Mas aqui a gente perdeu as coisas em casa, mas lá do outro lado encheu até o teto, teve até óbito, morreu uma bebezinha de 10 meses. Eu fico com o coração mais tranquilo porque foi só coisa material, meus cachorros, está todo mundo aqui, nas Casinhas, todo mundo se conhece, lá tá todo mundo bem das Casinhas. Então isso é o que me tranquiliza.

Entrevistadora Guariento: Em relação ao impacto ambiental, aos desastres ambientais, o que que você acha que a gente pode melhorar pra isso não acontecer?

Entrevistada DFA2: Cara... eu acho que, ao mesmo tempo que eu acho que isso é muito triste, eu acho que a gente também é muito culpado, porque ninguém quer cuidar de nada, né? Só quer receber. É porque lá nas Casinhas eu falo mesmo, pois o povo joga muito lixo naquela vala. É muito lixo em qualquer lugar, entendeu? Ali não foi por chuva, entendeu? Mas bueiro entupido também dá alagamento, entendeu? Porque o bueiro ele está ali para tirar água da chuva, certo? Sem o bueiro, o bueiro tampado também dá alagamento. Então acho que as pessoas devia cuidar mais e muito mais lá da onde mora, da onde está, cuidar e parar com esse negócio de ficar destruindo o ar, porque a natureza está tomando conta do que é dela. Porque é a gente que entrou no caminho dela. A gente, acabou com o lugar todo onde tinha, cheio de Mato, né, amor? E agora a natureza está tomando conta do lugar dela. E o que acontece? Nós fica sem casa, fica sofrendo por essas coisas, porque nós não quer cuidar de onde nós vive né, nós só quer receber.

Entrevistadora Guariento: E um lugar tão bonito, né, essa cidade tão bonita.

Entrevistada DFA2: Cheia de cachoeira ...

Entrevistadora Guariento: Praias... Cachoeiras... E sofrer desse jeito.

Entrevistada DFA2: Exatamente.

Entrevistadora Guariento: Pode me falar uma mensagem final? O que você espera para o seu futuro, como é que vai ser seu dia de amanhã?

Entrevistada DFA2: Há... eu só espero que eu consiga pelo menos um pouquinho das coisas que eu tinha e que isso não aconteça mais, além de ser triste você perder as suas coisas, você vê todo mundo saindo de lá. Entendeu? As famílias, todo mundo com filho no colo, cachorrinho, bolsa, mano... Uma casa é um sonho, tudo que você bota na tua casa você conquista tudo que você sonhou. Quando você é criança você pensa, há... quando eu crescer eu vou ter minha casa, vou ter isso, você luta pra ter aquilo e

simplesmente em questão de três horas você perde tudo que você lutou pra ter, então é muito triste, que isso não aconteça mais, só isso.

Entrevistadora Guariento: Muito obrigada pela atenção, pelo tempinho que vocês disponibilizaram para conversar comigo. Obrigada mesmo!!

Entrevista 2

Entrevistada: Deslocado Forçado Ambiental 3 - DFA3.

Entrevistadora Guariento: Você pode me contar um pouquinho como é que aconteceu, como foi a inundação, como é que vocês chegaram aqui?

Entrevistada DFA3: Na minha casa, foi assim, a água começou a entrar pela cozinha e pelo ralo e pelo vaso. Aí, quando começou a entrar, não tinha o que fazer, o que nós conseguimos levantar nós levantou, a água entrou e inundou a casa toda. Foi questão de minuto, foi muito rápido.

Entrevistadora Guariento: E onde você mora?

Entrevistada DFA3: Lá na Morada do Bracuí.

Entrevistadora Guariento: Ah tá ... isso sempre acontece, todo ano?

Entrevistada DFA3: Não, já aconteceu anos atrás de encher pouca água pelo bueiro, da chuva. Dessa vez foi uma enchente mesmo, bastante água...

Entrevistadora Guariento: Você perdeu tudo? Então não tem mais nada?

Entrevistada DFA3: Sim.

Entrevistadora Guariento: Como é que você chegou até aqui? Quem te trouxe?

Entrevistada DFA3: Até aqui, nós veio no carro, o pessoal da prefeitura trouxe.

Entrevistadora Guariento: E vocês estão dormindo aqui, comendo, recebendo doação? E não tem nem previsão de quando você vai voltar para casa?

Entrevistada DFA3: Isso. Ainda não tem. Tem água nas coisas lá, recurso para nós limpar as coisas, não tem.

Entrevistadora Guariento: E quem mora na sua casa?

Entrevistada DFA3: Mora eu e um casal de filho que eu tenho.

Entrevistadora Guariento: Você trabalha? E como é que você vai fazer para comprar suas coisas de novo e voltar a sua vida normal? Você recebe ajuda de alguém?

Entrevistada DFA3: Não, eu só tenho um bolsa família.

Entrevistadora Guariento: E aí você vai ter que comprar tudo de novo, seus móveis?

Entrevistada DFA3: É aos poucos ir comprando.

Entrevistadora Guariento: E você nem sabe quando você vai sair daqui? Não tem nem previsão?

Entrevistada DFA3: Não, ainda não tem previsão de quando vai sair daqui.

Entrevistadora Guariento: E qual foi a causa dessa enchente? Você atribui a quê?

Entrevistada DFA3: O que os outros falam é que uma barragem estourou, foi uma tromba d'água. Mas nós não tem certeza, o que causou a enchente.

Entrevistadora Guariento: Mas no seu bairro tem saneamento básico, tem tratamento de lixo, de esgoto, tem tudo isso?

Entrevistada DFA3: Tem, tem, tem.

Entrevistadora Guariento: Mas mesmo assim o bueiro entupiu?

Entrevistada DFA3: Foi. E a água desceu e tomou conta.

Entrevistadora Guariento: Ah, então está bom. Obrigada.

Entrevistada DFA3: De nada.

Entrevista 3

Entrevistado: Deslocado Forçado Ambiental 4 - DFA4

Entrevistadora Guariento: Então você pode me contar um pouquinho o que aconteceu? Como foi a inundação? Como é que está a sua situação agora?

Entrevistada DFA4: Primeiramente, tava chovendo muito, né? Muita chuva. Aí como eu moro do lado do valão, toda vez que o valão transborda, entra um pouquinho de água. Mas dessa vez, falaram que arrebentou a barragem. A água começou a subir pelo ralo de dentro. E aí não deu tempo de tirar as coisas. Aí foi subindo, subindo, subindo. A única coisa que eu consegui tirar foi as crianças e documentos, e com isso eu perdi tudo, a geladeira, guarda-roupa, documento, eletrodoméstico, tudo, tudo... Aí agora meu esposo foi lá ver como tá a situação, tá lama, o motor da geladeira tá queimado, tudo queimado, tentou ligar lá pra ver, a tomada cheia de água. Está escorrendo água ainda. A gente vai começar tudo do zero, tudo de novo. Foi terrível. Foi triste.

Entrevistadora Guariento: E como é que você saiu de casa? Quem te resgatou?

Entrevistada DFA4: Eu fui sozinha, eu e meu esposo pela rua, até a creche. Chegando lá, o bombeiro que auxiliou a gente, botou a corda né, e a água já estava pela cintura.

Entrevistadora Guariento: Nossa!! Você saiu de casa com água pela cintura...E onde você mora? Qual bairro?

Entrevistadora DFA4: Morada do Bracuí.

Entrevistadora Guariento: Isso sempre acontece todo ano? Foi a primeira vez?

Entrevistada DFA4: Não, foi a segunda vez, a primeira vez não teve esse desastre. A segunda vez agora transbordou a barragem em cima da Cachoeira, aí por isso que inundou o Bracuí inteiro.

Entrevistadora Guariento: E ao que que você atribui esse desastre ambiental? Qual é a causa disso tudo, o que você acha?

Entrevistada DFA4: Ah... é o homem né, o desmatamento, faz o que quer, os pequenos que sofrem, né? Porque, tipo assim, os grandes têm o poder de ajudar, mas também os pequenos também não fazem a sua parte, como eu posso dizer, lixo na rua, no esgoto.

Entrevistadora Guariento: No seu bairro tem saneamento básico, tem tratamento de lixo?

Entrevistada DFA4: Tem, tem. Mas é bem precário, né? Porque a gente tem o valão do lado da casa da gente...

Entrevistadora Guariento: Entendi... e aí o valão transborda e enche. E você trabalha? Seu marido trabalha?

Entrevistada DFA4: Eu sou do lar, sou diarista no caso né? Quando aparece uma faxina eu faço e ele também. Ele é ajudante de pedreiro.

Entrevistadora Guariento: E aí agora vocês vão ter que trabalhar para reconquistar tudo e comprar tudo de novo.

Entrevistada DFA4: Tudo do zero...

Entrevistadora Guariento: E agora você só pode voltar para casa quando...?

Entrevistada DFA4: Quando a água abaixar e chegar a água pra gente tentar.

Entrevistadora Guariento: E por enquanto, você vai ficar aqui na escola, até você conseguir voltar para casa. Você tem 2 filhos? E como é que está a situação aqui?

Entrevistada DFA4: Isso. Ah... tá precária né, porque chega doação e a gente não recebe, uns recebem mais e outros pouco...

Entrevistadora Guariento: Você está dormindo aqui direto?

Entrevistada DFA4: Sim, desde sexta-feira e as crianças também.

Entrevistadora Guariento: Está bom, obrigada pela sua ajuda. Vai dar tudo certo.

Entrevistada DFA4: Vai sim.